ENCICLOPÉDIA
sobre o Desenvolvimento
na Primeira Infância

Fontes, efeitos e mudanças possíveis em habilidades parentais: comentários sobre Belsky, Grusec e sobre Sanders e Morawska

Jacqueline J. Goodnow, PhD

Macquarie University, Sydney, Austrália

Março 2006

Introdução

A pesquisa sobre habilidades parentais é um caminho para compreender o desenvolvimento e uma base potencial para ações clínicas, educacionais e sociais. Os autores trazem a essa pesquisa a hipótese de que a qualidade da prática parental é importante e aberta a mudanças. Também compartilham um registro de rupturas produtivas de algumas abordagens tradicionais, orientando a pesquisa em novas direções e oferecendo mudanças quanto às implicações para a ação. As diferenças aparecem quando os autores consideram a natureza dessas rupturas.

Grusec, por exemplo, parte de um interesse consagrado nos “estilos” gerais de pais (por exemplo, cordialidade, coercividade, consistência, senso de eficácia) e “esquemas” (por exemplo, sua visão quanto a métodos de controle adequados). Há um reconhecimento adicional de que os

©2006-2026 ABILIO | HABILIDADES PARENTAIS

pais podem ter mais de uma visão sobre os filhos ou sobre as práticas parentais (por exemplo, prática parental como sendo fácil ou impossível). O que importa, portanto, são os pensamentos, sentimentos e ações particulares que afloram em situações específicas, especialmente em situações problemáticas.

Belsky parte do reconhecimento também consagrado de duas influências na prática parental: as características da criança e as dos pais. Com relação às características dos pais, o autor devota um interesse revitalizado no que diz respeito à própria história - nesse sentido, as práticas parentais podem ser "herdadas". Para ambas, Belsky agrega ênfase no "contexto social mais amplo" (isso inclui o relacionamento entre os pais) e na acumulação de estresses, e sustenta a intervenção de múltiplas influências.

Sanders e Morawska partem de uma tradição de ação que muitas vezes ocorre em uma estrutura clínica. Defendem a ideia de ir além dos pais que já estão vivenciando problemas: todos os pais poderiam beneficiar-se de instrução ou aconselhamento relacionados à natureza do desenvolvimento e a estratégias úteis. A expectativa dos pais, por exemplo, pode tornar-se mais apropriada à idade do filho. Também poderão evitar estratégias coercivas, construindo sua prática parental com base no que já existe de positivo.

Pesquisa e conclusões

Não seria razoável esperar que três trabalhos curtos cobrissem todo o campo de estudo e esclarecessem todas as implicações e orientações. Entretanto, eu gostaria que mais espaço tivesse sido dado a quatro tendências.

A primeira tendência tem a ver com *modos de especificar habilidades parentais, dentro e fora de casa*. Dentro da família, a habilidade dos pais para interpretar os eventos e estabelecer algum grau de rotina ou padrão na vida familiar surgiu como importante, tanto para a vida diária (por exemplo, entender a televisão, estabelecer regras de segurança) como para momentos traumáticos ou de mudança radical.[1-4] Fora da família, as habilidades tomam a forma de atenção ao que a vizinhança oferece e de capacidade de negociação com creches ou escolas para que seus objetivos sejam atingidos.[5,6] Tomam a forma também de monitoramento eficaz. Nem sempre os pais estão vendo seus filhos. Precisam ser capazes de manter-se informados sobre o que as crianças fazem, seja verificando diretamente ou – desde cedo – promovendo na criança a disposição para "revelar".[7,8] Para a vida em geral, dentro e fora de casa, a habilidade também

pode assumir a forma de preparação eficaz dos filhos para o que eles poderão enfrentar (especialmente enfrentamentos negativos).[9,10]

A segunda tendência tem a ver com *modos de especificar os resultados esperados, para os filhos ou para os pais*. É consenso geral que é preciso explicações mais objetivas para identificar quais aspectos da prática parental estão associados a quais resultados, e por intermédio de quais processos, especialmente ao longo do tempo. Precisamos também de uma identificação mais ampla dos resultados em termos relacionais: em termos da noção infantil de reciprocidade, de pertinência a um grupo (por exemplo, "somos uma família") ou de identidade coletiva.[11-14]

A terceira tendência tem a ver com maneiras de *incluir a criança no contexto de maneira mais plena*. Hoje conhecemos melhor as visões dos pais sobre práticas parentais e sobre crianças do que a visão das crianças sobre o que é ser um bom pai ou uma boa mãe, ou o que representa uma prática parental apropriada.[15] Esta constatação torna-se ainda mais surpreendente diante das ideias propostas, que mostram o papel central da interpretação da criança no processo de vir a adotar os valores dos pais e vê-los com seus.[16,17]

A quarta e última tendência que me parece ainda carecer de ênfase tem a ver com *diferenças culturais no modo de pensar, sentir ou agir dos pais*, tal como foi salientado brevemente por Grusec, e hoje esse aspecto está consistentemente documentado. Essas variações interessam não apenas como uma forma de registrar que as pessoas são diferentes: são também um lembrete vívido da necessidade de examinar os valores e pressupostos de dois grupos, e suas visões mútuas,[21] quando um grupo social ou cultural decide que as habilidades de outro grupo precisam melhorar.

Implicações para políticas

As pesquisas podem contribuir para a ação em duas vias amplas.[22] Uma delas é fornecer modelos gerais que orientem as decisões: modelos, por exemplo, de por que os pais agem da maneira como agem ou – menos evidente nestes trabalhos – de como as crianças mudam (por exemplo, modelos que mostrem se a criança se torna mais ou menos agressiva[23]). A outra via é fornecer questões mais específicas ligadas a políticas: questões sobre por que, quando, quem e como.

As questões sobre "quem" oferecem um ponto de partida para comparação com os trabalhos atuais. Uma abordagem (geralmente descrita como "direcionada") situa a ênfase em grupos particulares de pais. Grusec, por exemplo, enfatiza os pais que já estão experimentando

problemas. A questão crítica diz respeito, nesse caso, a isolar onde o problema está e como se pode lidar com ele. Grusec aponta para o valor de considerar situações problemáticas específicas – em relação à vida diária, isso pode significar localizar exatamente quais são “os piores momentos do dia”, ou os momentos em que os pais estão começando a perder a paciência. A ação pode ser então dirigida a maneiras de lidar com os sentimentos, ideias ou estratégias particulares que são “ativados” nesses momentos e que representam obstáculos no caminho da ação eficaz.

Sanders e Morawska aproximam-se mais de abordagens que foram denominadas “universais”. Para eles, em muitos aspectos, a habilidade para criar os filhos é comparável à habilidade de dirigir um carro. É muito raro que ela venha naturalmente, e é sempre favorecida por algum grau de instrução. Os pais que mais interessam são os de «primeira viagem» (primeiro bebê ou primeira vez que ocorre um problema). Seria possível, entretanto – e Sanders e Morawska sugerem essa expansão – fornecer um combinado de estratégias úteis e informações que serviriam para todos os aspectos comportamentais e todos os grupos de pais, antes ou depois do aparecimento de dificuldades. Isso também poderia ser feito recorrendo-se a outras abordagens, não limitadas à modalidade presencial individual.

Entretanto, nenhum dos trabalhos aponta de maneira enfática para mudanças nos ambientes físico e social. É possível visar a mudanças na forma como funcionam as creches e escolas, para tentar melhorar os contextos sociais (por exemplo, promovendo práticas de trabalho amigáveis aos pais) ou aumentar os recursos financeiros dos pais, de maneira a permitir que sejam direcionados para o que os pais fazem e o modo como as crianças se desenvolvem.[24] Belsky, com a ênfase que dá às influências múltiplas na prática parental, é quem mais se aproxima dessa abordagem. Esse autor sustenta que não há uma via única para avançar: pelo contrário, uma variedade de passos pode alterar a acumulação de estresses e apoios que conformam a natureza da prática parental.

De fato, as implicações para a ação são variadas. No entanto, os três trabalhos compartilham a ênfase no fato de que o objetivo maior são as mudanças nas crianças e na interação pais-filhos. Essas mudanças também continuam sendo os indicadores básicos de efeitos para qualquer ação que seja empreendida. Os três oferecem também uma ideia clara das preocupações mais importantes, e uma advertência quanto à necessidade de avançar nas pesquisas e na análise das implicações de seus resultados e de seus conceitos subjacentes para a prática parental.

Referências

1. Gralinski JH, Kopp CB. Everyday rules for behaviour: Mothers' requests to young children. *Developmental Psychology* 1993;29(3):573-584.
2. Pecora N, Murray JP, Wartella EA, eds. *Children and television: 50 years of research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum; 2006.
3. La Greca AM, Silverman WK, Vernberg EM, Roberts MC, eds. *Helping children cope with disasters and terrorism*. Washington, DC: American Psychological Association; 2002.
4. Lowe ED, Weisner TS, Geis S, Huston AC. Child-care instability and the effort to sustain a working daily routine: Evidence from the New Hope Ethnographic Study of Low-Income Families. In: Cooper CR, Coll CTG, Bartko WT, Davis H, Chatman C, eds. *Developmental pathways through middle childhood: Rethinking contexts and diversity as resources*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum; 2005:121-144.
5. Furstenberg FF Jr, Cook TD, Eccles, J, Elder GH Jr, Sameroff A. *Managing to make it: Urban families and adolescent success*. Chicago, Ill: University of Chicago Press; 1999.
6. Weiss HB, Dearing E, Mayer E, Kreider H, McCartney K. Family educational involvement: Who can afford it and what does it afford? In: Cooper CR, Coll CTG, Bartko WT, Davis H, Chatman C, eds. *Developmental pathways through middle childhood: Rethinking contexts and diversity as resources*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates; 2005:17-39.
7. Stattin H, Kerr M. Parental monitoring: A reinterpretation. *Child Development* 2000;71(4):1072-1085.
8. Barber BK, Stolz HE, Olsen JA. Parental support, psychological control, and behavioral control: Assessing relevance across time, culture, and method. *Monographs of the Society for Research in Child Development* 2005;70(4):1-137.
9. Hughes D, Chen L. The nature of parents' race-related communications to children: A developmental perspective. In: Balter L, Tamis-LeMonda CS, eds. *Child psychology: A handbook of contemporary issues*. New York, NY: Psychology Press; 1999:467-490.
10. Goodnow JJ. Parenting and the transmission and internalization of values: From social-cultural perspectives to within-family analyses. In: Grusec JE, Kuczynski L, eds. *Parenting and children's internalization of values: A handbook of contemporary theory*. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons; 1997:333-361.
11. Parpal M, Maccoby EE. Maternal responsiveness and subsequent child compliance. *Child Development* 1985;56(5):1326-1334.
12. Collins WA, Laursen B. Parent-adolescent relationships and influences. In: Lerner RM, Steinberg L, eds. *Handbook of adolescent psychology*. 2nd ed. Hoboken, NJ: John Wiley and Sons; 2004:331-362.
13. Fuligni AJ, Alvarez J, Bachman, M, Ruble DN. Family obligation and the academic motivation of young children from immigrant families. In: Cooper CR, Coll CTG, Bartko WT, Davis H, Chatman C, eds. *Developmental pathways through middle childhood: Rethinking contexts and diversity as resources*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates; 2005:261-282.
14. Hudley EVP, Haight W, Miller PJ. *"Raise up a child": Human development in an African-American family*. Chicago, Ill: Lyceum Books; 2003.
15. Smetana JG, Asquith P. Adolescents' and parents' conceptions of parental authority and personal autonomy. *Child Development* 1994;65(4):1147-1162.
16. Grusec JE, Goodnow JJ. Impact of parental discipline methods on the child's internalization of vaues: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology* 1994;30(1): 4-19.
17. Seginer R, Vermulst A. Family environment, educational aspirations, and academic achievement in two cultural settings. *Journal of Cross-Cultural Psychology* 2002;33(6):540-558.

18. Chao RK. Beyond parental control and authoritarian parenting style: Understanding Chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development* 1994;65(4):1111-1119.

19. Harkness S, Super CM, eds. *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. New York, NY: Guilford Press; 1996.

20. Miller PJ, Wiley AR, Fung H, Liang, C-H. Personal storytelling as a medium of socialization in Chinese and American families. *Child Development* 1997;68(3):557-568.

21. Goodnow JJ. Interconnections: families and communities, concepts and interactions. In: Clarke-Stewart A, Dunn C. *Families matter*. Cambridge, Mass: Cambridge University Press. In press.

22. Goodnow JJ. Parents' knowledge and expectations: Using what we know. In: Bornstein MH, ed. Being and becoming a parent. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates; 2002:439-460. *Handbook of parenting*. 2nd ed; vol 3.

23. Tremblay RE. The development of aggressive behaviour during childhood: What have we learned in the last century? *International Journal of Behavioral Development* 2000;24(2):129-141.

24. Huston AC, Duncan GJ, Granger R, Bos J, McLoyd V, Mistry R, Crosby D, Gibson C, Magnuson K, Romich J, Ventura A. Work-based antipoverty programs for parents can enhance the school performance and social behavior of children. *Child Development* 2001;72(1):318-336.

©2006-2026 ABILIO | HABILIDADES PARENTAIS